

## LITERATURA INFANTIL: AS ESPECIFICIDADES PEDAGÓGICAS COM OS BEBÊS E CRIANÇAS BEM PEQUENAS

Wanda Macedo Maia<sup>1</sup>  
Flávio Santiago<sup>2</sup>

### RESUMO

O contato das crianças desde pequenas com os livros literários, mesmo que ainda não saibam ler as palavras, possibilita um encontro fecundo com a arte, bem como com as representações sociais presentes em nossa sociedade, ao escutar as palavras e visualizar as imagens, a criança começa a se relacionar com o mundo encantado da literatura, participando da linguagem verbal e visual, melhor dizendo, a realização da leitura/escrita pelos bebês e crianças pequenas acontece com os olhos e a boca. O presente artigo tem como objetivo a apontar importância da literatura infantil na educação dos bebês e das crianças bem pequenas, mais especificamente de 0 a 3 anos de idade. Para a elaboração da pesquisa foi realizado a partir da pesquisa bibliográfica, tendo como recorte temporal a produção entre 2017 e 2022, e foi utilizada a Plataforma Oasis, para a busca dos artigos que foram analisados ao longo do estudo. Dentre os pressupostos teóricos que foram suportes para a elaboração desta pesquisa, estão os aportes da sociologia da infância, pedagogia da infância e literatura infantil. Como resultado, pode-se observar que infelizmente, ainda há uma baixa produção literária voltada para crianças menores de 3 anos de idade, em contrapartida, há um aumento significativo de pesquisas correlacionadas a esta temática e a faixa etária.

**Palavras-chave:** Literatura infantil. Educação infantil. Contação de histórias.

### ABSTRACT

The contact of children from an early age with literary books, even if they do not yet know how to read the words, enables a fruitful encounter with art, as with the social representations present in our society. When listening to the story and visualizing the images, the child begins to relate to the enchanted world of literature, participating in verbal and visual language, better saying, the realization of reading/writing by babies and small children happens with the eyes and mouth. This article aims to show the importance of children's literature in the education of babies and very young children, more specifically from 0 to 3 years of age. The elaboration of the research is realized from bibliographic research, with productions being between 2017 and 2022. The Oasis Platform was used to search the articles used to analyze throughout the study. Among the theoretical assumptions that supported the elaboration of this research are the contributions of childhood sociology, childhood pedagogy, and children's literature. As a result, it can be apparent that, unfortunately, there is still a low literary production aimed at children under three years. On the other hand, there is a significant increase in research correlated to this theme and age group.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia (ept) na modalidade EAD, IFGoiano-Instituto Federal Goiano. Campus Iporá. e-mail: [wanda.macedo@estudante.ifgoiano.edu.br](mailto:wanda.macedo@estudante.ifgoiano.edu.br)

<sup>2</sup> Graduação em Licenciatura em Pedagogia, Doutorado em educação, e-mail: [santiagoflavio2206@gmail.com](mailto:santiagoflavio2206@gmail.com).

**Keywords:** *Children's literature. Child education. Storytelling.*

## 1. INTRODUÇÃO

A formação em Letras proporcionou-me a conhecer um pouco as maravilhas do mundo da literatura brasileira como “As aventuras e desventuras de Viramundo e suas inenarráveis peregrinações” de Fernando Sabino, A reviravolta de Aurélia em “Senhora” de José de Alencar, a história do patriota Policarpo Quaresma em “O triste fim de Policarpo Quaresma de Lima Barreto, como também algumas obras da literárias portuguesa, o amor proibido de Simão Botelho e Teresa Albuquerque em “Amor de perdição” de Camilo Castelo Branco, “Viagens na minha terra” de Almeida Garrett, entre outros clássicos da literatura escrita por autores que se dedicaram e ainda dedicam a escrever bons livros, que de alguma forma nos encantam e nos marcam. “Um bom livro é aquele que nos agrada e não importa para quem ele foi escrito. [...] O livro que agrada se costuma voltar, lendo-o de novo, de preferência aqueles trechos que provocaram prazer em particular” (ZILBERMAN 2005, p. 9). Ou seja, um bom livro nos marca por toda vida.

Quando criamos o hábito de ler, somos levados ao conhecimento a desvendar enigmas, nos matemos informados, “o ato da leitura é entendido aqui como um processo de negociação de sentidos em que o bebê constrói significados desde que nasce e não meramente como a reprodução de um código escrito” (PEREIRA, DIAS, 2020, p.183) Dessa forma, a literatura não pode ser limitada a um pequeno grupo privilegiados de pessoas, pelo contrário, é direito de todos independentemente da idade, ou seja, desde o nascimento.

Infelizmente, quando criança, não tive esse direito, de praticar a literatura, isto é, de ter e de ler livros em casa, por ser de família muito pobre e semianalfabeta, havia outras prioridades, uma realidade que ainda faz parte da vida de muitas crianças, que são privadas do direito à literatura e à cultura. “Assumir a literatura como direito humano é também assumir o papel importante que as instituições educativas devem ter no processo de imersão das crianças na cultura” (MICARELLO; BAPTISTA 2018, p.171). Dessa forma, a literatura infantil possibilita o contato da criança com o mundo

visível e invisível, esse, fundamental para começar a trilhar na cultura da literatura.

Segundo COLOMER (2007);

A literatura se constitui um “andaime” para as experiências infantis em relação à capacidade simbólica da linguagem. No caso dos bebês e das demais crianças pequenas, a prática de leitura literária diz respeito também a uma dimensão corporal, de acolhimento aos gestos, entonações, trocas de olhares, sorrisos e afagos que se fazem presentes nos momentos nos quais alguém mais experiente lhes conta ou lê uma história (COLOMER 2007 *apud* MICARELLO; BAPTISTA 2018, p.171).

Assim, os bebês, e as crianças bem pequenas, participam da história, lida ou contada, ajudando-os a lidar de forma criativa com os sentimentos, bem como elevando as experiências e o desenvolvimento emocional. “A prática da narração oral e as atividades de leitura, desenvolvidas nessa fase, são significativas na criação de conceito de qualidade na Educação Infantil” (SOUZA; WANDERLEY 2019, p.210). Logo, o professor ou o adulto mediador das atividades de leitura, deve ter atenção ao escolher os textos que serão trabalhados. Vale a pena destacar que essa escolha deve considerar o processo de construção da identidade dos bebês e crianças pequenas, ou seja contemplar e respeitar “a sua diversidade”, de forma que cativem os bebês e demais crianças. Tendo o cuidado de observar que esse é o primeiro contato dos pequenos “leitores” com os livros. Isto é, os pré-leitores, que ainda não sabem ler as palavras, contudo, as descobertas vão surgindo, através das imagens e as cores presentes no objeto livro. Conforme nos apresenta Coelho (2000) o pré-leitor se divide em duas fases;

[...] a primeira infância (15/17 meses aos 3 anos) e a segunda infância (a partir dos 2/3 anos), na primeira fase, as crianças estão começando a manusear e nomear os objetos e, a presença de um adulto faz-se necessária criando situações que envolvam a afetividade; na segunda fase, as histórias devem ter relação com vivências e acontecimentos próximos ao mundo da criança [...] (COELHO 2000, p.32/33).

Desse modo, mesmo que o contato da criança com os livros seja diferente em cada fase, em ambas, elas vão se envolver com a literatura. Na primeira fase como vimos na citação acima, os bebês têm a curiosidade de pegar os livros, de brincar, morder entre outras questões que fazem parte dessa idade, por isso a necessidade de um adulto que auxilie nesse momento em que o bebê experimenta a literatura pelo corpo, boca e tato. Não é muito diferente com as crianças da segunda fase, pois precisam do auxílio de um adulto, contudo, os textos devem envolvê-las com situação que fazem parte do seu cotidiano.

O presente artigo tem como objetivo apontar a importância da literatura infantil na educação dos bebês e, das crianças bem pequenas, mais especificamente de 0 a 3 anos de idade. Como afirma Lygia Bojunga (1984) para o Dia Internacional do Livro Infantil e Juvenil, “Pra mim livro é vida, desde que eu era muito pequena os livros me deram casa e comida. [...]”, parafraseando-a, literatura é vida, não importa a idade do leitor, ela tem o poder de alimentar e nos transportar para outros mundos, muito além de nossa imaginação.

Investigar esse tema, vem da necessidade de compreender a importância da literatura, bem como seus benefícios na aprendizagem das crianças na creche. “A criança ao entrar em contato com os livros, com a literatura infantil, ela está construindo a aprendizagem abrindo um mundo de conhecimento a sua volta” (FONTEQUE 2016, p.14). Sendo assim, o contato com os livros proporciona à criança vários benefícios.

A fascinação por esse mundo de “fantasias” e de “gostosuras”, que é a literatura infantil, foi o que nos levou a pesquisar sobre sua importância para os bebês e as crianças bem pequenas, bem como sua contribuição no fazer pedagógico da educação infantil.

Teremos como base, a visão de alguns autores como: Costa e Rebeiro (2017), Graziote e Debus (2017), Micarello e Baptista (2018), Nunes; Evalte e Pillar (2018), Ramos; Pinto e Gerotto (2018), Ramos; Schebekel e Rela (2019), Silva e Bartolanza (2021), autores que já realizaram pesquisas sobre como é fundamental, que os bebês, e as crianças bem pequenas participam da literatura e da cultura

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### Pequeno contexto descritivo dos caminhos da literatura infantil

Para iniciar nosso diálogo sobre os caminhos da literatura infantil, é fundamental destacarmos que, até o início do século XVII não existiam livros para crianças, visto que as crianças eram tratadas como adultos em miniatura. “A criança era, portanto, diferente do homem, apenas no tamanho e na força, enquanto as outras características permaneciam iguais” (ARIÈS 1981). Conseqüentemente, elas eram privadas de viver a infância, melhor dizendo, não existia infância, dessa forma, era desnecessário escrever para um grupo até então “inexistente” de leitores.

A literatura apropriada para criança inicia na Europa ao final do século XVII com o francês Charles Perrault, com as Fábulas, de La Fontaine e os Contos da Mamãe Gansa.

No século XVIII começa revolução industrial, e com ela as mudanças na sociedade, de modo que o conceito de criança já não era de um adulto em miniatura, mas de alguém que tem papel na sociedade. “A criança passa a deter um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria) de que ela é destinatária” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 16) Nessa nova realidade, a figura da criança ganha destaque como consumidora dos produtos industrializados, mencionados pelas autoras acima citadas.

Com industrialização, a sociedade vai sendo modernizada a partir do crescimento cada vez mais dos meios tecnológicos. Assim, a literatura infantil também é vista como um produto de consumo, tendo como consumidor principal, a criança. Entretanto, surge a necessidade de se criar uma literatura que contribuísse na formação desses consumidores. “Os laços entre literatura e a escola começa deste ponto: a habilitação da criança para o consumo de obras impressas” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 17). Diante disso, a criança precisava ser preparada na escola para a realização da leitura.

No século XIX os irmãos Grimm, editam uma coleção de contos de fadas adaptados para criança. Segundo Lajolo e Zilberman (2007) a partir de então, passa ser definido o tipo de literatura que agrada essa faixa de leitores.

A partir de então, esta define com maior segurança os tipos de livros que agradam mais aos pequenos leitores e determina melhor suas principais linhas de ação: em primeiro lugar, a predileção por histórias fantásticas, modelo adotado sucessivamente por Hans Christian Andersen, nos seus Contos (1833), Lewis Carroll, em Alice no país das maravilhas (1863), Collodi, em Pinóquio (1883), e James Barrie, em Peter Pan (1911), entre os mais célebres (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 20).

Ainda segundo as autoras, os irmãos Grimm contribuíram de forma significativa com a produção literária infantil, numa sociedade capitalista.

No Brasil, a literatura infantil inicia a passos lentos, em 1808 houve a implantação da Imprensa Régia, e a partir de então, começa a publicação de alguns livros para criança. Contudo, de acordo com Lajolo e Zilberman (2007) eram traduções de alguns contos europeus, adaptados e traduzidos para crianças, por Carlos Jonsen e Figueredo Pimentel. “Graças a eles, circulam, no Brasil, Contos seletos das mil e uma noites (1882), Robinson Crusoe (1885), Viagens de Gulliver (1888), As aventuras do celeberrimo Barão de Münchhausen (1891), Contos para filhos e netos (1894) e D. Quixote de la Mancha (1901)” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 27) Entre outros que continuam fazendo parte da literatura infantil.

Em 1921 Monteiro Lobato escreveu o primeiro livro para crianças “A menina do Nariz Arrebitado”, que chamava a atenção pelo enredo, a linguagem visual e humor. Contudo, Lobato se destacou foi com “As histórias do Sitio do Pica Pau Amarelo.” Onde as personagens embarcavam em aventuras que envolviam seres inanimados e figuras do folclore brasileiro, bem como os costumes do campo.

Percursor da literatura infantil, Lobato sabia que a literatura escrita para crianças deveria reunir não apenas informação ou instrução, mas, também, a diversão. Segundo D’Avila e Caldin (2019)

[...] Monteiro Lobato precursor na apresentação do realismo mágico em textos direcionados à infância. Depois dele, uma nova geração de escritores deu continuidade à sua maneira estratégica de seduzir as crianças por meio da leitura e inovou a arte da escrita. [...] Não foram poucos os que labutaram, ao longo dos séculos XIX e XX, em escrever textos infantis que educassem (pois essa era a meta principal) conquanto divertissem (um bônus) as crianças, presas ao sabor das ondas da visão adultocêntrica que controlava, selecionava e distribuía a literatura infantil no Brasil (D’AVILA; CALDIN, 2019 p. 246).

Desse modo, a criança aprende participando da realidade e ao mesmo tempo se diverte com o mundo de fantasias e encantamento presente na literatura infantil. Vale destacar que Lobato, como aponta Moraes (1997), assim como toda a sua geração,

aderiram ao discurso eugenista e racista da época. Discurso produzido e refinado no espaço da produção científica e propagado através dos bancos escolares.

Para Coelho (2000) “A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é a arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem [...]” (COELHO, 2000, p. 27). Ao mesmo tempo se mistura com o que é real na vida e os sonhos que fazem parte da nossa imaginação. E, é nessa composição da literatura e arte, que podemos deixar nossa imaginação fruir e, assim, vislumbrar o mundo de fantasia do faz de conta, o qual só podemos adentrar através da literatura infantil.

### **Especificidade da didática com bebês e crianças bem pequenas**

Por décadas a educação infantil vem passando por mudanças. A princípio as creches eram apenas um lugar de acolhimento das crianças, das quais as mães necessitavam trabalhar e não tinham onde deixar seus filhos pequenos. As creches eram responsáveis pela alimentação, higiene e a segurança física dessas crianças. A partir da LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96, as creches e pré-escolas deixaram de ser assistencialistas, sendo responsáveis na formação escolar de crianças de zero até três anos de idade, (creche) e de quatro a seis anos (pré-escola). Assim, deixou de ser apenas um espaço de acolhimento, se tornando também um lugar onde a criança começa trilhar o caminho da educação em que o cuidar e o educar se tornam práticas indissociáveis.

De acordo com Rocha (2001) “O objetivo das creches e pré-escolas são as relações educativas ligadas num espaço de convívio coletivo onde a criança é o sujeito” (ROCHA, 2001, p.33). Dessa forma, ela pode socializar com seus pares e com os adultos que fazem parte do seu meio. Desse modo, as creches e pré-escolas cumprem suas funções: social, política e pedagógica, estabelecidas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil de (2009).

Mesmo com os avanços em relação a educação dos bebês e crianças bem pequenas, ainda não há uma pedagogia específica para crianças de zero a três anos de idade. “[...] as propostas políticas-pedagógicas ainda mantêm invisíveis as suas particularidades e não têm dado atenção às especificidades da ação pedagógica para essa faixa etária” (BARBOSA, 2010, p.2). Nesse caso, as ações pedagógicas acabam



priorizando apenas as crianças mais velhas, contrapondo o que estabelece as DCNEI (2009), que visa um planejamento no qual trabalhe a coletividade, em ambas as etapas da educação infantil como mencionado na citação abaixo:

As especificidades e os interesses singulares e coletivos dos bebês e das crianças das demais faixas etárias devem ser considerados no planejamento do currículo, vendo a criança em cada momento como uma pessoa inteira na qual os aspectos motores, afetivos, cognitivos e linguísticos integram-se, embora em permanente mudança (BRASIL, 2009).

As ações pedagógicas para os bebês e crianças bem pequenas, se diferenciam, até porque, deve ser observado o desenvolvimento da criança, visto que, cada um tem seu ritmo e modo de interagir ou de comunicar. “As suas formas de comunicação, por exemplo, acontecem através dos gestos, dos olhares e dos choros que são movimentos expressivos e que constituem os canais de comunicação não verbal com o mundo” (BRASIL, 2009, p. 29).

Essa comunicação é adquirida pelos bebês desde seu nascimento, quando chora e logo recebe afago da mãe, pai, avós ou de um adulto responsável. Assim, a comunicação entre o bebê e a família vai sendo ampliada. “Cada família tem um modo específico para compreender o choro de uma criança, suas necessidades de alimentação e de brincadeira e fazer suas escolhas” (BARBOSA, 2010, p.4).

Por essa razão, é fundamental que a creche e pré-escola construam elos afetivos com a família dos bebês e das crianças pequenas, e com a comunidade local, como forma de conhecer cada grupo e suas especificidades. Entretanto, é preciso desenvolver estratégias diferenciadas, já que a instituição de educação infantil trabalha a coletividade com os bebês e crianças bem pequenas, diferente da singularidade que eles têm com sua família.

Ao falarmos da educação de bebês e crianças bem pequenas, é importante destacarmos a formação dos profissionais que passam anos se preparando para trabalhar na educação infantil. De acordo com Mantovani e Perani (1999):

O profissional deve aprender a observá-las; ter conhecimento de base para os trabalhos pedagógicos em creches, desempenhar um papel flexível, prevendo a interação com várias pessoas e contextos; e ter uma pluralidade de competências, situadas no âmbito da integralidade da criança (MANTOVANI; PERANI 1999 *apud* SANTIAGO, MOURA 2021, p.50).

Dialogando com os autores mencionados, “A responsabilidade, a competência, a formação dos gestores, professores e demais profissionais precisam também estar



vinculadas à delicadeza, à ternura, à empatia e à capacidade comunicativa” (BARBOSA, 2010, p.6). Algo que não é concebido na formação teórica, mas, vivenciado na prática, na realidade cotidiana da educação infantil. Do mesmo modo, pegar um bebê no colo, acalotá-lo, perceber cada expressão corporal, tudo isso está relacionado às práticas pedagógicas exercidas pelos profissionais de educação infantil.

Segundo Santiago e Moura (2021) As práticas pedagógicas vão sendo adquiridas continuamente a cada situação vivenciada no cotidiano do espaço da educação infantil, possuindo esta uma dimensão específica, com relevância e valor próprio, a qual não pode ser formada de modo abstrato, mas apenas quando se começa a trabalhar e tem início as experiências profissionais em campo.

Assim, o profissional que se dedica a trabalhar com bebês e crianças bem pequenas deve estar consciente do seu papel transformador.

Finalizando nosso diálogo sobre especificidade da didática com crianças de zero à três anos de idade, adentramos sobre como a literatura infantil, através das histórias contadas ou lidas, pode ser um aspecto de experiências para os bebês e crianças bem pequenas. Elas podem, através da literatura, mergulhar em outros caminhos, outros mundos, outras realidades possibilitando uma abertura para o campo da pedagogia pensada para bebês e crianças bem pequenas.

### **A importância da história contada ou lida para os bebês e crianças bem pequenas**

Quem nunca quando criança, sentou-se perto de um adulto para ouvi-lo contar histórias? Esse adulto podia ser um dos avós ou um dos pais, que colocavam as crianças ao redor do fogão a lenha ou de fogueiras para alimentá-las com narrativas que faziam parte de sua tradição oral. Outras vezes, de contos tradicionais como Chapeuzinho Vermelho, João e Maria, João e o Pé de Feijão, A Gata Borralheira ou das fabulas, A Raposa e as Uvas, A Cigarra e a Formiga, de história que faziam ou não parte da literatura infantil.

Essas eram narrativas que na maioria das vezes nos faziam sentir medo dos vilões, dos monstros, das bruxas, ou despertava nossa imaginação, e assim, misturávamos com o que estava sendo contado, e nos tornávamos em heróis que lutavam com monstros e salvavam seu povo, príncipe montado em seu cavalo branco, que saía para salvar a

princesa de algum perigo. Dessa forma, embarcávamos em uma viagem encantada até onde nossa imaginação pudesse nos levar.

O hábito de contar histórias é muito antigo, na verdade desde o início dos tempos. “Provavelmente, iniciou quando o homem das cavernas contava como foi o período da caça, onde certamente sentavam em volta da fogueira com às mulheres e crianças” (DILL, 2016, n.p). Desse modo, não somente os conhecimentos eram transmitidos, mas também a história daquele povo.

Muitas famílias ainda praticam esse momento de contar história, por vezes antes de colocar a criança para dormir, ou em outros momentos em que a mãe ou o pai, de posse de um livro começa a ler, ou apenas reconta uma história da qual ele (a) já sabe de cor (de coração).

Nesse momento mágico de encantamento, onde a criança se envolve com a história contada ou lida, são despertados nela, vários sentimentos, emoções, assim, ela se identifica com alguns personagens e começa a entender os próprios sentimentos. Costa e Ribeiro (2017) destacam essa importância de estimular os sentimentos das crianças através da contação de história;

A contação de história estimula a curiosidade, o imaginário, a construção de ideias, expandindo conhecimentos e fazendo com que a criança vivencie situações que a proporcionam sentir alegria, tristeza, medo, e as personagens dessas histórias, muitas vezes servem de exemplo para as crianças, ajudando a resolver conflitos e criando novas expectativas, tonando-se super-heróis (COSTA; RIBEIRO, 2017, n.p).

Assim, a criança passa a ouvir e a enxergar com a imaginação, dessa forma ela percebe os sentimentos que não é só das personagens, mas que também pode ser os dela. De acordo com as autoras já mencionadas, “As histórias não só despertam o imaginário da criança, mas também o “espelhamento” dos objetivos das personagens” (COSTA; RIBEIRO 2017, n.p). Logo, ela aprende a lidar com os conflitos do seu cotidiano.

Contudo, o momento de ler ou contar uma história deve ser prazeroso, o adulto leitor deve saber escolher as histórias que serão contadas ou lidas, fazer a entonação da voz de acordo com os acontecimentos, e as ações das personagens. “[...] Diferente do dizer que se prende ao texto, esse modo de narrar está à margem da espontaneidade, permitindo a voz, mas também mãos, olhar, gestos e uma maior expressividade oral, gestual e corporal” (SOUZA; MOTOYAMA, 2019, p. 33). Desse modo, a criança será estimulada a ouvir atentamente e participar de cada momento da narrativa.

Em concordância com Souza e Motoyama (2019), Abramovich (1997) diz que, é importante saber contar uma história. “Afinal nela se descobre as palavras novas, se entra em contato com a música e a sonoridade das frases e dos nomes. [...] Contar história é uma arte... e tão linda!” (ABRAMOVICH, 1997, p.18). Então o “artista,” melhor dizendo, o contador de histórias deve ter habilidade e criatividade, para se expressar de forma plena, fazendo com que os pequenos ouvintes se envolvam com os acontecimentos narrados.

Nesse sentido, quem lê ou conta uma história com criatividade, possibilita a criança a experimentar e participar da arte que é a literatura. “[...] o ponto principal na hora de contar histórias é saber despertar emoções. [...] pois quem conta deve sentir e dar prazer e deve criar uma fonte de alegria e encantamento” (COSTA; RIBEIRO 2017, n.p).

Quanto mais cedo a criança participar desses momentos de contação de histórias, mais cedo ela poderá desenvolver a cultura da leitura. Sabemos que “o livro da criança que ainda não lê é a história contada” (ABROMOVICH, 1997, p.24).

Portanto, é fundamental que os pais sejam exemplos para os pequenos, nesse momento de aproximação com a literatura, despertando neles a curiosidade em conhecer o livro. “Torna-se difícil gostar da leitura em uma casa onde ninguém lê, onde a criança não tem contato com um livro” (COSTA; RIBEIRO, 2017, n.p). Da mesma forma o professor (a) da educação infantil, deve contagiar os pequenos com os livros, fazer com que a “hora” da história ou leitura se torne tão atrativa quando a “hora” de brincar. “A motivação à leitura deve estar presente não só na vida do professor, mas em seus alunos. Se o educador não a tem jamais conseguirá que o discente possa ter.” (NÓBREGA; ANDRADE, 2013, p.44) Ou seja, não adianta tentar inserir práticas de leitura nos pequenos se o mediador não se sente motivado ou não a prática em seu dia a dia.

É certo que, no Brasil por diversas razões a cultura da literatura não faz parte da rotina da maioria das famílias, por esse motivo, o primeiro contato do bebê ou da criança bem pequena com o livro, na maioria das vezes acontece na escola, no caso na creche, sendo mediada pelo professor. Contudo, é importante que o mediador crie situações que possibilite essa interação dos bebês e das crianças bem pequenas com o livro, como nos mostra Ramos; Pinto; Girotto (2018):

O mediador planeja e propõe situações de interação dos bebês com os livros, auxiliando-os na exploração das possibilidades ofertadas pela literatura, inerente à sua natureza estética e objetual e na ampliação da significação do seu entorno. O diminuto, na aparência, mas diversificado mundo da infância, entre casa e escola, pode ser muito enriquecido, dadas as relações nele estabelecidas (RAMOS; PINTO; GIROTTO, 2018, p.109).

Entretanto, deve se observar que a relação dos bebês e crianças bem pequenas com o livro, não está somente no ouvir a história contada ou lida pelo adulto, mas também em seu manuseio. Dialogando com as autoras mencionadas acima. Mantovani (2014) afirma que:

[...] a proposta do livro em idade muito precoce deve visar, em primeiro lugar, a criação de uma motivação positiva para o uso desse instrumento que, por si só, é um objeto, na aparência, menos atraente e complexo do que os “brinquedos” ou os “materiais” que são usualmente oferecidos à criança: é por definição um objeto cultural e, portanto, relativamente abstrato (MANTOVANI, 2014, p. 64).

Nesse momento de aproximação da criança com o livro, mesmo que para ela, seja apenas um objeto menos atrativo do que um brinquedo, como foi citado, é fundamental que o professor ou o adulto mediador entre a criança e o livro, seja capaz de fornecer ou criar situações, que provoca contentamento necessário para cativar a criança em usá-lo. “O livro é, a princípio, um brinquedo, mas esse brinquedo traz histórias, cenas, dramaturgias, lança narrativas...” (BRASIL 2016, p. 34) Então, a criança vai relacionando as imagens presentes no livro com o mundo real.

É nessa fase de 0 até 3 anos que a criança começa a desenvolver a fala, e, para que ela consiga desenvolver bem, é importante elaborar momentos atrativos que possa facilitar suas descobertas. “Para que a criança se desenvolva precisa ser criado momentos em que a criança se envolva com atividades de contação de histórias e de leituras, de modo que ela se aproxima das palavras através dos livros, revistas entre outros suportes” (SILVA; BARTOLONZA, 2021, p.119).

Assim, ao escutar as palavras e visualizar as imagens, a criança começa a se relacionar com o mundo encantado da literatura, participando da linguagem verbal e visual, melhor dizendo, a realização da leitura/escrita pelos bebês e crianças pequenas acontece com os olhos e a boca. Avançando um pouco mais, com “os órgãos de sentidos como olhar, agarrar, apalpar, cheirar, levar o livro a boca, ouvir seus sons que guia a criança em sua atividade principal, a sua atividade manipuladora” (SILVA; BARTOLONZA, 2021, p 119).

Como forma de estimular o contato da criança com os livros, eles devem ser colocados em locais que facilitam sua visualização, podem ser espalhados propositalmente pela mesa da sala de aula, sempre na altura das crianças “A sala pode ainda ser decorada, aguçando a curiosidade e estimulando nas crianças os processos de leitura” (GRAZIOLI; DEBUS, 2017, p.145). Ou seja, em lugares onde a criança possa olhar e se preferir pegar e manusear o livro como achar melhor. Nessa interação a curiosidade dela é estimulada, desse modo ela é preparada para o momento da leitura ou contação de história. Por isso, o ambiente deve ser atrativo e criativo.

As práticas pedagógicas da educação infantil têm como eixo norteador garantir experiências que: “possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos” (BRASIL, 2010, p.25). Sendo assim, deve deixar que elas olhem as imagens, folheie as páginas percebam as cores... Por essa razão, deve-se ter atenção na escolha dos livros para os bebês e crianças bem pequenas, eles devem ser resistentes e atrativos, para que possa ser manuseado e ao mesmo tempo chamar a atenção dos pequenos leitores. “Os livros que chegam para as crianças pequenas buscam priorizar a qualidade, embora saibamos que ainda são poucos os títulos dedicados aos pequeninos, como livros de plástico, pano e cartonados; em sua grande maioria os livros são brochuras” (GRAZIOLI; DEBUS, 2017, p.140). O que infelizmente em algumas situações acaba limitando o contato da criança.

Mantovani (2014) destaca que os livros para os bebês e crianças bem pequenas são divididos em duas categorias;

os que apresentam imagens ou situações mais ou menos complexas, para serem analisadas e descritas, identificando objetos, personagens e ações; e os que contêm uma sucessão de situações e de acontecimentos ilustrados, concatenados até construir um conto, uma história mais ou menos complexa [...] (MANTOVANI, 2014, p.65).

A referida autora enfatiza que devem ser observadas as fases da criança e ter critérios na escolha dos livros que serão utilizados por ela. E a partir de observações nos apresenta seis níveis desses critérios de acordo com cada fase:

1º nível (a partir dos 13 -14 meses) livro de imagens simples. Constata-se que, um pouco depois do primeiro ano de idade, há uma evidente correlação entre figura e objeto concreto. A criança é capaz de indicar na figura um objeto nomeado pelo adulto [...].

2º nível (a partir dos 14-15 meses) série de imagens de objetos relacionados entre si: todas as coisas que servem para comer, brincar, dormir [...].

3º nível (a partir dos 16-18 meses) reconhecimento de objeto e de sua função: a) livros que apresentam sucessiva transformação de um objeto. b) livros que apresentam um objeto inicialmente isolado e, depois, num contexto que resulta sua função.

4º nível (a partir dos 18 meses) proto-histórias: são os livros mais amados pelas crianças. São caracterizados por um mesmo elemento ou personagem apresentando repetidamente em uma sucessão de situações analógicas, [...]

5º nível (a partir de 20-22 meses) histórias curtas. Sequências de algumas situações (até 10 ou 12) em que ocorrem os fatos ou são realizadas as ações simples e facilmente reconhecidas. [...]

6º nível (a partir dos 3 anos) histórias complexas. Trata-se de textos com muitas seqüências, personagens, acontecimentos fantásticos e complexos. [...] (MANTOVANI, 2014, p. 67-70)

Contudo, Coelho (2000) salienta que a escolha dos livros deve ser de acordo com as diversas etapas do desenvolvimento infantil/juvenil. Destacamos o pré-leitor que de acordo com a autora, se divide em duas fases, primeira infância (15/17 meses aos 3 anos) e a segunda infância que é a partir dos 2/3 anos de idade.

Os livros adequados a essa fase devem propor vivências radicadas no cotidiano ao redor da criança e apresentar determinadas características estilísticas:

Predomínio de imagem (gravuras, ilustrações, desenhos etc.), textos brevíssimos que passam a ser lidos ou dramatizados pelo adulto, a fim de que a criança começa a perceber a inter-relação entre o mundo real e o mundo das palavras que nomeia esse real.

As imagens devem sugerir uma situação (um acontecimento, um fato etc.) que seja significativa ou atraente para criança.

Desenhos ou pinturas coloridas ou em preto-branco, em traços ou linhas nítidas. [...]

A graça e o humor, um certo clima de expectativa ou mistério ... são essenciais nos livros para o pré-leitor.

As técnicas de repetição ou de reiteração de elementos é das mais favoráveis para manter a atenção e o interesse desse difícil leitor a ser conquistado (COELHO, 2000, p. 33/34).

Por essa razão, é importante que cada fase seja considerada, e, sem dúvida, em ambas as fases, a presença do professor (a) é fundamental, não somente no cuidado, mas, também como forma de criar situações que possibilite que os bebês, e as crianças bem pequenas participem dos níveis ou etapas de leitura, e assim ajudá-los em sua interação e as descobertas que o mundo literário proporciona:

Nesse sentido, o vínculo de apego defendido por quem se oferece como figura de apoio de um bebê ou uma criança pequena não é somente um vínculo de cuidados básicos, é também um vínculo poético, se a literatura, a “protoliteratura”, aparece precocemente como modo de habitar o mundo (BRASIL, 2016, p.32).

É certo que as crianças aprendem com exemplos, e nesse vínculo poético que nos apresenta a citação acima, o (a) professor (a) deve ser alguém que tenha o prazer de

ler, como já comentamos, dessa forma ele (a) será capaz de estabelecer a relação afetiva entre a criança e a literatura infantil.

### 3. METODOLOGIA DA PESQUISA

Os “caminhos” percorridos para a elaboração da pesquisa que deu base para este artigo, podem ser compreendidos como o percurso metodológico, que foi realizado a partir da pesquisa bibliográfica. “elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e, atualmente, material disponibilizado na Internet” (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010, p.28). A escolha por esta forma de realizar pesquisa, se deu por alguns motivos, entre eles destaque o objetivo de ampliar o conhecimento a respeito da temática, e ao curto tempo para a elaboração do trabalho de conclusão, ficando inviável a construção de uma pesquisa de campo.

O levantamento bibliográfico foi realizado na plataforma do Oasesbr, portal brasileiro de acesso aberto, que reúne produções científicas nacionais, que permite encontrar em uma única conexão pesquisa simultânea em repositórios digitais, teses e dissertações e periódicos científicos eletrônicos. A pesquisa foi realizada somente com fontes primárias – artigos - para a investigação, tendo como marco temporal textos publicados entre os anos de 2017 a 2021, com acesso aberto, para a busca na plataforma foram utilizados os descritores Literatura Infantil e Educação infantil.

Como resultados da busca foram encontrados trezentos e cinquenta e nove artigos correlacionados, no entanto, os resultados encontrados apresentaram pouca aderência a concepção teórica que perpassa as nossas pesquisas, que são os estudos sociais da infância. Em reunião com o grupo de estudos e com o orientador, delimitamos por selecionar dentre esses, sete artigos mais coerentes com nossa linha de pesquisa, assim também poderíamos analisar com maior riqueza os trabalhos selecionados. Como poderá ser observado na tabela abaixo:

Tabela 1, apresenta os artigos selecionados

<b>Nome do autor/ da autora</b>	<b>Nome do artigo</b>	<b>Nome da revista</b>	<b>Ano</b>
COSTA; RIBEIRO	A importância de contar histórias na educação infantil.	RECIT	2017



GRAZIOLE; DEBUS	A literatura na educação infantil: espaço, tempo e acervos.	Textura Canoas	2017
MICARELLO; BAPTISTA	Literatura na educação infantil: pesquisa e formação docente.	Educação em Revista	2018
NUNES; EVALTE; PILLAR	Texto literário infantil: produção de sentido a partir do olhar, do brincar e do ler.	GEARTE	2018
RAMOS; PINTO; GIOTTO	Interações dos bebês com livros literários.	POIÉDIS	2018
RAMOS; SCHEBKEL; RELA	Professores e literatura infantil: um estudo sobre a interação de professores com livros.	Educação, Ciência e Cultura	2019
SILVA; BORTOLANZA	Literatura na Educação infantil: implicações pedagógicas para uma educação humanizadora.	CLARABOIA	2021

Fonte: tabela autoral

Com base neste levantamento e nos interlocutores teóricos procuraremos responder à questão: o que diz a literatura científica a respeito da utilização da literatura infantil em creche na prática pedagógica com crianças de zero a três anos de idade?

### **O que as publicações dizem a respeito da literatura infantil?**

A literatura proporciona ao leitor a capacidade de ver além, e, de ir ao encontro as novas descobertas. Com a literatura infantil, essa capacidade ganha proporções inigualáveis, com ela, o imaginário se abre e os pequenos leitores mergulham, no mundo da fantasia, do faz de conta, do era uma vez... Cada descoberta, através das imagens, das cores, dos gestos e do som da voz de quem está lendo ou contando uma história faz com que os bebês e crianças bem pequenas se relacionem com os acontecimentos do mundo irreal, com o mundo real.

Costa e Ribeiro (2017) destacam a importância da contação de história para desenvolver a criatividade e o imaginário das crianças, e que o educador de educação infantil possui um importante papel nessa interação da criança com a literatura infantil.

Entretanto, não apenas o educador infantil, mas também as famílias podem desenvolver dinâmicas que incentivem os bebês e crianças bem pequenas a participarem cada vez mais cedo, do mundo da literatura infantil.

Graziote e Debus (2017) Mostram a importância de as crianças manusearem os livros e, portanto, a necessidade da qualidade desse material disponíveis para os pequenos, como livros de plástico, pano e cartonados, o que infelizmente, na maioria das vezes são de brochura, e por isso, acabam impossibilitando o contato dos pequenos leitores com o livro literário, não só em casa, mas, também na escola, pré-escola e creche. Ressaltam que o espaço onde a história será contada ou lida pode influenciar na interação da criança com a narrativa, por isso a importância da preparação adequada do local em que será realizada a leitura ou contação de história.

Micarello e Baptista (2018) Mostram a literatura como sendo direito fundamental do ser humano, isso, desde o nascimento. As autoras, enfatizam as necessidades de práticas pedagógicas que possibilitem a interação da criança com a leitura literária.

Nunes; Evalte e Pillar (2018) Apresentam ações relevantes de produções literárias a partir do olhar, brincar e ler. O olhar com livro de imagens, onde a criança a partir das imagens faz a leitura visual, dessa forma, ela vai criando a história e conseqüentemente desenvolvendo o imaginário. Com o livro brinquedo, o leitor participa da literatura brincando, através dos textos verbais e visuais. Com o livro brinquedo, o leitor “brinca de ler” e “brinca enquanto se lê”.

Ramos; Pinto e Giroto (2018) Assim como Graziote e Debus (2017) salientam sobre como a organização do espaço onde as histórias serão contadas ou lidas, bem como a exposição dos livros podem influenciar na interação dos bebês e crianças bem pequenas com a literatura infantil.

Ressaltam a importância de oportunizar os bebês e crianças bem pequenas o contato com o livro, como forma de possibilitá-los a conhecer diferentes culturas, dessa maneira, conhecer sentimentos dos quais ainda não conseguem expressar.

Ramos; Schenkel e Rela (2019) Destacam o profissional de educação infantil com fundamental na mediação entre o livro e os pequenos leitores, já que na maioria das vezes a unidade de educação infantil é o único lugar onde a criança, terá acesso à leitura literária. As autoras enfatizam que, é importante que o mediador (professor) tenha segurança, e elabore estratégias para possibilitam, o elo entre o aluno e a literatura.

Silva e Bortolanza (2021) Ressaltam a função humanizadora da literatura no desenvolvimento da criança, destacam a importância do livro na construção do conhecimento. Assim como já foi apresentado anteriormente, as autoras mostram a importância do contato precoce das crianças com textos literários, para isso, é fundamental que a mediação aconteça já nos primeiros anos de vida.

Os autores dos artigos pesquisados, deixam clara a importância da literatura infantil, e de como ela contribui no desenvolvimento dos bebês e crianças bem pequenas. Mostram também, que a participação das famílias e da escola (unidades de educação infantil) são fundamentais nesse elo, entre os bebês e crianças bem pequenas com a literatura infantil.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Durante a realização da pesquisa foi possível compreender o quanto a literatura infantil é importante na educação das crianças de 0 a 3 anos de idades. Entendemos, que os bebês e crianças bem pequenas são inseridos na cultura da arte da literatura infantil, através do ouvir histórias contadas ou lidas, a princípio em casa pelos pais, dando sequência na creche, melhor dizendo, na educação infantil.

Ao participar do momento de contação de história ou de ouvir uma leitura proferida por um adulto, a criança começa a entrar no mundo do faz de conta, despertando a imaginação, a fantasia, dessa forma ela se identifica com a personagem do mundo irreal e sente as emoções, alegrias, tristezas, entre outros sentimentos também no mundo real.

Contudo a interação dos bebês com a literatura infantil, não se limita apenas no ouvir histórias, mas também no manuseio do livro, em olhar as imagens, as figuras, as cores, a textura, em levar o livro à boca entre outras possibilidades. Por essa razão é importante que o adulto mediador saiba selecionar tanto as histórias que serão contadas/lidas bem como o livro que será manuseado por elas.

Porém, foi observado que ainda há uma resistência em se desenvolver atividades de literatura infantil com bebês e crianças bem pequenas. É possível que essa resistência seja pela concepção errônea de que nessa faixa etária, eles ainda não estão aptos para realizar atividades mais complexas além do brincar. Entretanto, são várias as possibilidades que podem ser desenvolvidas, nesse momento do brincar, de interação, dos movimentos, entre elas, podemos destacar, o momento de leitura e contação de histórias, uma prática que infelizmente, não é reconhecida como atividade educacional para bebês e crianças bem pequenas, e por essa razão, ainda não faz parte da maioria das instituições educativas.

Observamos também que, ainda há pouca produção literária de qualidade, destinada a crianças de 0 a 3 anos de idade, o que infelizmente dificulta o fazer pedagógico direcionado a literatura na educação infantil, mais especificamente para os bebês e crianças bem pequenas. Em contrapartida, há um aumento significativo de pesquisas correlacionadas a esta temática e à faixa etária.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: **gostosuras e bobices**/ Fanny Abramovich. – São Paulo: Scipione, 1987. - (Pensamentos e ação no magistério)

ARIÈS, Philippe — História Social da criança e da família. Tradução de Dora Flaksman. 2a ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

BARBOSA, Maria Carmem. **ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO** – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010.

BOJUNGA, Mensagem DILI Lygia. Disponível em:  
[.https://www.fnlij.org.br/site/images/documentos/mensagem\\_dili\\_lygia\\_bojunga.pdf](https://www.fnlij.org.br/site/images/documentos/mensagem_dili_lygia_bojunga.pdf).  
Acessando em 26/08/2021, às 18:33.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Bebês como leitores e autores** - 1.ed.- Brasília: MEC / SEB, 2016

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Práticas cotidianas na Educação Infantil – bases para a reflexão sobre as orientações curriculares**. Projeto de cooperação técnica MEC e UFRGS para construção de orientações curriculares para a Educação Infantil. Brasília, 2009. Disponível em:  
[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat\\_seb\\_praticas\\_cotidianas.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf). Acesso em: 20 março de. 2022.

COELHO, Nelly Novais. **Literatura infantil**. Teoria análise didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COSTA, Patrícia Evellyn; RIBEIRO, Janete Santa Maria. A importância da contação de histórias na educação infantil. **R. Eletr. Cient. Inov. Tecnol. Medianeira**, cadernos Ensinos EAD, 4771- 1RV 2017.

D'ÁVILA, Fernanda Martins; CALDIN, Clarice Fortkamp. BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA. *Pesq. Bras. em Ci. da Inf. e Bib*, João Pessoa, v. 14, p. 245-258, 2019.

DILL, D. KIRCHNER, E. **Um olhar sobre a história da literatura infantil**. Disponível em: <https://docplayer.com.br/57648251-O-potencial-educativo-da-literatura-infantil-um-olhar-para-a-historia-da-literatura-infantil.html> Acessando em 20/09/2021

FONTIQUE, Ana Cristina - **Alfabetização e Letramento de Crianças com Deficiência Intelectual**: práticas socioculturais a partir da Literatura Infantil e da Ludicidade. In: *PARANÁ, Secretaria de Educação. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. Produções didático-pedagógicas*, 2016.

GRAZIOLI, Fabiano Tadeu; DEBUS, Eliane Santana Dias. A leitura literária na educação infantil: espaços, tempos e acervos. **Textura Canoas**, [s. l], v. 19, n. 39, p. 134-152, abr. 2017.

KAUARK, Fabiana; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa**: guia prático. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

LAJOLO, Mariza; ZYLBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira História e histórias**. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.

MANTOVANI, Susanna. In: FARIA, Ana Lucia Goulart de; VITA, Anastácia de (org.). **Ler com bebês**: contribuições das pesquisas de Susanna Mantovani. Campinas: Autores Associados Ltda, 2014.

MICARELLO, Hilda; BAPTISTA, Mônica Correia. Literatura na educação infantil: pesquisa e formação docente. **Educare**, Curitiba, v. 34, n. 72, p. 169-186, dez. 2018.

MORAES, Pedro Rodolfo Bodê de. JECA E A COZINHEIRA: RAÇA E RACISMO EM MONTEIRO LOBATO. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba - Ufpr, v. 1, n. 8, p. 99-112, jan. 1997.

NOBREGA, Ilus Khaney Gomes de Medeiros; ANDRADE, José Rivamar. **A importância da Literatura infantil na formação de leitor**. REBES (Pombal- PR, BRASIL), v.3 n.4, p.39-49. Out.- dez., 2013.

NUNES, Marília Forgearini Nunes; EVALTE, Tatiana Telch; PILLAR, Analice Dutra. **Texto literário infantil**: produção de sentido a partir do olhar, do brincar e do ler. 59 Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 59-75, jan./abr. 2018.  
<http://dx.doi.org/10.22456/2357-9854.82452>

PEREIRA, Sara. S.; DIAS, Lucimar R.. Entre colos e afetos: a hora e a vez dos bebês na literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira. **Revista ABPN**, v. 12, p. 178-196-196, 2020.

RAMOS, Flávia Brocchetto; PINTO, Marcela Lais Allgayer; GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões. A Interação dos Bebês com o Livro Literário. **P O I É s I s**: Santa Catarina, v. 12, n. , p. 106-117, dez. 2018.

RAMOS, Flávia Brocchetto; SCHENKEL, Julia Duarte; RELA, Eliana. Professor e literatura infantil: um estudo sobre a interação do professor com o livro. **Revista Educação, Ciência e Cultura**, Canoas, v. 24, n. 2, p. 17-29, jul. 2019.

ROCHA, Eloisa Acires. A PEDAGOGIA e a educação infantil. Revista Brasileira de Educação, [s. l], n. 16, p. 27-34, 2001.

SANTIAGO, Flavio; MOURA, Taís Aparecida. **Infância e docência:** descobertas e desafios de tornar-se professora e professor. (orgs) São Carlos: Pedro & João editores, 2021. 346 p.14-21 cm

SILVA, Emanoela Mendes da; BORTOLANZA, Ana Maria Esteves. Literatura na Educação Infantil: implicações pedagógicas para uma educação humanizadora. **Claraboia:** Jacarezinho, Paraná, v. , n. 16, p. 114-132, dez. 2021.

SOUZA, Nadilza Maria de Faria; WANDERLEY, Naelza de Araújo. **Brincando, lendo e contando histórias na educação infantil:** uma abordagem criativa com o conto de fadas cordelizado Pinóquio. Revista Entreletras (Araguaína), v.10 n. 2, jul/dez 2019 (ISSN 2179-3948 online)

SOUZA, Renata Junqueira de; MOTOYAMA, Juliane Francischeti Martins. Contação de histórias, espaço e mediação: as experiências do CELLIJ. **Canoas**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 31-42, jul. 2019.

ZILBERMAN, Regina (ed.). **Como e por que ler a literatura infantil brasileira.** Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda, 2005.